

DÍVIDA EXTERNA

Marcílio aposta firme no ajuste da economia

Sucesso no leilão da Usiminas deverá mudar opiniões a respeito do País

PAULO SOTERO

Enviado especial

BANGCOC — Dizendo-se satisfeito com as conversas que teve com credores oficiais e privados durante a reunião anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, deixou ontem a capital tailandesa e iniciou a longa viagem de volta a Brasília, via Europa. A reunião do FMI e do Bird, que foi marcada pela entronização da União Soviética e de seus problemas no grande fórum anual do mundo capitalista, termina hoje.

Como era de se prever, o objetivo de Marcílio, no encontro, de se assegurar da disposição do apoio externo para um programa de estabilização da economia brasileira, foi alcançado. Agora, falta fazer o mais difícil. Perguntado que argumentos usou diante das manifestações de ceticismo que ouviu de seus interlocutores sobre a capacidade e vontade do governo Collor e do resto do corpo político do País de se entender em torno de um programa econômico, Marcílio citou como exemplo a conversa que teve ontem com o presidente do Banco Mundial, Lewis Preston.

“O presidente Collor está realmente engajado e sensibilizando a classe política sobre a necessidade de caminharmos nessa direção”, disse o ministro. “Esta é a primeira vez que se faz um ajuste da economia no Brasil lastreado num conjunto de reformas estruturais, como a privatização e a reforma tributária”.

É duvidoso que a resposta do ministro tenha mudado opiniões ou venha a afetar o clima de descrença antes de o governo mostrar que tem ca-



Reuter

Marcílio: “Privatização da Usiminas é opção para os credores”

pacidade política para levar adiante o programa de estabilização. A tarefa é complicada pelo temperamento sóbrio do ministro, que dificilmente irradia otimismo ou entusiasmo.

Por tudo isso, a equipe econômica decidiu apostar fortemente no sucesso do leilão de privatização da Usiminas, marcado para o dia 24. Marcílio e seus assessores acreditam que um leilão concorrido e bem-sucedido poderá mudar a percepção negativa atual sobre o futuro imediato e criar um clima adequado para a aprovação da reforma tributária (que o governo mandará ao Congresso até o fim do mês), o fechamento e aprovação do acordo de estabilização com o FMI e o acerto, a seguir, com os credores oficiais e os bancos.

Com esse panorama em mente, o governo receberá uma missão do Clube de Paris e outra do Eximbank japonês em Brasília, na semana que vem, para adiantar os entendimentos e, ao mesmo tempo, indicar o empenho do governo Collor em chegar o mais rapidamente possível a um acordo. Com objetivo semelhante, o negociador da dívida, Pedro Malan, estará em Nova York na segunda-fei-

ra, dia 28, para discutir com o Comitê de Bancos Credores detalhes sobre a colocação de US\$ 6 bilhões em bônus dos juros atrasados até 31 de dezembro de 1990. Esses bônus serão emitidos tão logo o governo e os bancos acertem os termos básicos da negociação ora em curso.

Como não poderia deixar de fazer, Marcílio disse que, apesar do nervosismo excessivo dos agentes econômicos no Brasil, que ainda não se convenceram de que não haverá novo choque, os dados subjacentes são de que a inflação não explode. Ele disse que está otimista e insistiu que não usará fórmulas mágicas.

Segundo o ministro, o governo continuará a resistir ao pedido de mais garantias oficiais feito pelo Comitê de Bancos Credores mas, ao mesmo tempo, não adotará posições inflexíveis. “A questão tem implicações importantes mas não chega a ser relevante, no momento”. Tudo depende, para começar, da privatização da Usiminas, que Marcílio chamou ontem de “sétima opção oferecida pelo Brasil aos credores”. As outras seis estão em discussão em Nova York.